



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**REFLEXÕES SOBRE O PROJETO RONDON NA FORMAÇÃO EM
PEDAGOGIA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA COMUNIDADE
QUILOMBOLA NA BAHIA**

JUNIA MARIA MARTINS DA COSTA

Mariana- MG, 2023.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



JUNIA MARIA MARTINS DA COSTA

**REFLEXÕES SOBRE O PROJETO RONDON NA FORMAÇÃO EM
PEDAGOGIA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA COMUNIDADE
QUILOMBOLA NA BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia - Departamento de Educação (DEEDU) do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como componente curricular Seminário VII, solicitado para obtenção total de aprovação na disciplina EDU 023 - SEMINÁRIO VII: Conclusão de Curso e requisito parcial para a obtenção do diploma do curso de Pedagogia. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva. Disciplina ofertada: Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos.

Mariana- MG, 2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Júnia Maria Martins da Costa

Reflexões sobre o Projeto Rondon na formação em Pedagogia a partir de uma experiência em uma comunidade quilombola na Bahia

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada.

Aprovada em 05 de agosto de 2023

Membros da banca

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva - Orientador(a) - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)

[Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues], orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05 de setembro de 2023



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/10/2023, às 14:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0606407** e o código CRC **1AB2B30E**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.013922/2023-79

SEI nº 0606407

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3557-9413 - www.ufop.br

REFLEXÕES SOBRE O PROJETO RONDON NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NA BAHIA

Júnia Maria Martins da Costa

Prof^a. Dr^a. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva

RESUMO: O presente relato de experiência tem como finalidade expor a importância do projeto Rondon na formação acadêmica, sobretudo, nos cursos de licenciatura como o curso de Pedagogia. Trata-se de um relato com abordagens narrativas de cunho qualitativo pautado na lição cidadã viabilizada pela extensão que visa refletir sobre a troca de conhecimento entre universitários e remanescentes quilombolas. A participação no projeto Rondon possibilitou a imersão em uma realidade pouco explorada na graduação resultando em uma série de aprendizagens o que me estimulou o pensamento crítico, reflexivo e o compromisso social. O trabalho fundamentou-se na Operação Portal do Sertão, que ocorreu entre janeiro e fevereiro de 2023, no Centro Norte do Estado da Bahia. Conclui-se que o Projeto Rondon caracteriza-se como uma importante lição de vida, sendo uma experiência única e singular que me ensinou a enxergar e a compreender melhor o meu papel de futura pedagoga na sociedade e, principalmente, a função do Projeto Rondon para formação universitária humanizada e cidadã.

PALAVRAS-CHAVES: Projeto Rondon; Extensão Universitária; Comunidade Quilombola; Experiências, Pedagogia.

**REFLECTIONS ON THE RONDON PROJECT IN TRAINING IN
PEDAGOGY FROM AN EXPERIENCE IN A QUILOMBOLA
COMMUNITY IN BAHIA**

Júnia Maria Martins da Costa
Prof^a. Dr^a. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva

ABSTRACT: This experience report has the purpose of exposing the importance of the "Projeto Rondon" in academic education, especially in undergraduate courses such as the pedagogy course. It's a report with narrative approaches of a qualitative nature based on the citizen lesson made possible by the extension that aims to reflect on the exchange of knowledge between university students and quilombola remnants. The participation on the "Projeto Rondon" allowed immersion in a reality that is little explored in undergraduate education, resulting in a learning series which stimulated critical and reflective thinking and social commitment. The work was based in the "Operação Portal do Sertão", which occurred between January and February 2023, in the North Center of the State of Bahia. It concludes that the "Projeto Rondon" is characterized as a true life lesson, being an unique and singular experience that taught me better to see and understand the role as a future pedagogue in society and especially the place of the "Projeto Rondon" for humanized and civilian university education.

KEYWORDS: Rondon Project; University Extension; Quilombola Community; Experiences.

Sumário

Primeiras Reflexões	6
Relato de Experiência (RE).	7
Função político social do Projeto Rondon.....	9
Olhar universitário sobre a extensão do Rondon.....	10
Operação Portal do Sertão: diagnóstico da região contemplada.....	11
Caminhos trilhados até a comunidade quilombola do Buri e Gameleira... ..	14
Um município chamado Pedrão-Bahia.....	16
Descrição da comunidade quilombola: relatos de uma experiência... ..	18
Ações realizadas: um encontro com remanescentes quilombolas... ..	20
Reflexão da educação quilombola.....	22
Relação da educação como troca de conhecimento.....	24
Considerações finais... ..	25
Referências... ..	26

Primeiras reflexões

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (Paulo Freire, 1987)

Jovens uniformizados com blusas amarelas e chapéus, essa é a minha primeira lembrança ao iniciar esse relato, na verdade, tudo começou quando tinha 16 anos de idade, em um sábado à tarde, na ocasião em que resolvi assistir um programa de televisão com a minha família. Pra ser sincera não foi necessariamente o programa que me chamou atenção naquele momento, o que havia despertado o meu interesse repentino foi a reportagem onde universitários acompanhados pelos professores estavam embarcando em uma missão com apoio das Forças Armadas para municípios longínquos com baixo desenvolvimento social para realizar atividades em prol do desenvolvimento da comunidade.

Recordo-me de cada detalhe da reportagem e da emoção que senti ao visualizar o que aqueles jovens estavam realizando com tanto empenho e dedicação, os estudantes integrantes da ação cursava distintas áreas de conhecimento e vinham de várias regiões do país com o único objetivo em comum fazer a diferença na sociedade através da troca de conhecimentos e do trabalho voluntário. Quando a reportagem acabou o primeiro questionamento que passou em minha cabeça foi: será que algum dia terei essa oportunidade?? Alguns anos se passaram e esse questionamento foi esquecido juntamente com o sonho de fazer parte do Projeto Rondon.

Percorri vários caminhos que me levaram até o curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP, no ano de 2019, confesso que a graduação nunca foi a minha primeira escolha mas ao longo desses 04 anos aprendi tanto e tive tantas oportunidades que provocou em mim uma metamorfose. Claro, essa transformação possui resultados positivos, desde a minha entrada na universidade pude compreender situações marcantes que vivenciei na minha trajetória enquanto estudante, mulher branca e de classe média baixa.

Durante a graduação entendi que, por meio da educação transformamos em sujeitos humanos e históricos culturalmente e a partir do momento que nos enxergamos como autores da nossa realidade, tornamos sujeitos ativos e senhor da própria vontade, conseguindo refletir sobre o mundo e sobre nós mesmos na condição de sujeito distinguindo a ligação entre individualidade e coletividade mediante a sociedade e suas mudanças.

No ano de 2021, participei do processo seletivo que me permitiu a entrada no grupo PET (Programa de Educação Tutorial), fui integrante do Pet por dois anos. No segundo semestre do ano de 2022, a tutora do grupo PET informou em uma das reuniões semanais do grupo a oportunidade de participar do Projeto Rondon a ação estava sendo desenvolvida entre os PET 'S da UFOP justamente pelo fato da ausência de um núcleo voltado para a extensão. Logo, que fiquei sabendo de qual projeto se tratava tive

interesse em participar imediatamente, pois já conhecia o Projeto Rondon desde a minha adolescência. No entanto, a minha entrada se deu por meio da desistência de um dos alunos voluntários, assim, tornei-me a primeira Rondonista da graduação de Pedagogia representando todo o Instituto de Ciências Humanas e Sociais- ICHS.

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência, através de uma abordagem narrativa que visa refletir sobre o Projeto Rondon na formação universitária de pedagogia e na produção e construção de conhecimentos de remanescentes quilombolas. Para compreender a concepção de atividades extensionista universitária, pautamos nos pressupostos de Sousa (2000) que afirma que a extensão é um recurso essencial para a Universidade, articulada com à pesquisa e ao ensino, formam os pilares do ensino superior que visam desenvolver habilidades profissionais dentro do ambiente acadêmico com ênfase e aplicação na comunidade.

Ao longo da ação do Rondon, conseguir observar a necessidade dos conhecimentos criados pela universidade ultrapassarem os muros das instituições, mas isso só é possível ser realizado através do envolvimento universitário com as ações de extensão e da participação ativa dos discentes. Conforme Mendonça e Silva (2002) ressaltam que são poucos os sujeitos que têm acesso aos conhecimentos gerados na universidade pública, sendo imprescindível as ações extensionistas para a democratização ao acesso dos conhecimentos gerados pela Universidade.

O relato foi desenvolvido com base na experiência vivenciada na comunidade quilombola através do projeto Rondon, durante o período de realização da extensão foram desenvolvidas atividades levando em consideração as especificidades e necessidades do público alvo para trabalhar questões associadas à comunicação, meio ambiente, produção e trabalho. Um dos principais motivos pelo qual desenvolvi esse relato de experiência se dá pelo fato de reconhecer a importância do envolvimento acadêmico em realidades pouco exploradas no país, outro fator que influenciou a escrita deste relato foi a compreensão do envolvimento em projetos de extensão que viabilizem o fortalecimento sustentável e o empoderamento de municípios pouco desenvolvidos.

O Relato de Experiência (RE)

O trabalho foi desenvolvido no modelo de Relato de Experiência (RE), seguindo uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo com o objetivo de apresentar as reflexões obtidas através do Projeto Rondon para formação universitária em pedagogia fazendo uma análise sobre a troca de conhecimento entre jovens e adultos quilombolas e universitários. Conforme Le Goff, amparado pelos estudos de Henri Atlan, é necessário refletir sobre a memória enquanto caminho para a linguagem.

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (LE GOFF, 1990 apud ATLAN, 1972, p. 461).

A apropriação do conceito de memória é fundamental para compreendermos a passagem da memória para a linguagem falada e escrita a qual pertence ao campo do inteligível que ultrapassa as barreiras de tempo e espaço permitido diálogo entre os espaços educativos. Considerando o Relato de Experiência como um gênero textual utilizado para transcrever experiências vivenciadas acerca de determinada temática sobre o olhar de quem narra ou relata fica evidente a importância da rememoração como meio de produção de conhecimento advindas das experiências socioculturais. Ao seguir essa linha de raciocínio, segundo Freitas et al (2021), o

Relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica (FREITAS et al. 2021, p. 6).

Nessa perspectiva, o exposto Relato de Experiência caracteriza-se como produção científica que visa refletir sobre a vivência acadêmica viabilizada pela extensão, assim sendo, esta pesquisa qualitativa será dividida em 6 passos, a primeira elaboração do projeto de atuação no Projeto Rondon, a segunda a pesquisa bibliográfica, a terceira a revisão da pesquisa bibliográfica, a quarta as atividades desenvolvidas na comunidade quilombola, a quinta a descrição das atividades desenvolvidas pela instituição, sexta a análise das atividades, e a última a escrita do relato. Analisando as características do RE, enquanto ferramenta de pesquisa qualitativa, segundo Flick (2008), ressalta que.

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa [...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos (FLICK, 2008, p. 23).

A pesquisa qualitativa não utiliza a razão numérica para explicar os fenômenos, porém utiliza os artifícios empíricos para formular hipóteses e comprovar as teorias, a partir do detalhamento consistente da lógica das ideias. Dessa forma, é interessante ressaltar que, a autora encontra-se em pleno exercício de flexibilidade e subjetividade ao escrever este relato, pois se encontra na prática da coerência das ações vivenciadas ao longo da extensão. Sendo assim, a sociologia da experiência reconhece o sujeito como ator e não como a gente, o próprio Dubet (1994, p. 107) ressalta que,

A sociologia da experiência tem em vista definir a experiência como uma combinação de lógicas de ação, lógicas que ligam o ator a cada uma das dimensões de um sistema. O ator é obrigado a articular lógicas de ação diferentes, e é a dinâmica gerada para cada atividade que constitui a subjetividade do ator e a sua reflexividade (DUBET et al.1994, p. 107).

O exposto relato de experiência inicia-se apresentando um pouco da trajetória da autora desde o primeiro contato com o projeto ainda na adolescência até o ingresso na universidade pública desde o processo seletivo do projeto de extensão, em seguida a autora faz uma breve contextualização do Projeto Rondon e das atividades desenvolvidas na comunidade quilombola do Buri e Gameleira relatando a experiência da autora enquanto rondonista. Posteriormente, será aprofundada uma análise sobre a importância da educação quilombola, finalizando com uma reflexão sobre a relação da educação como troca de conhecimentos científicos e saberes populares obtidas pelo projeto de extensão durante a formação em pedagogia.

1. Função político social do Projeto Rondon

O Brasil, na década de 60, passava por um momento turbulento na história do país as quais deixaram muitas lições e marcas, foi durante esse período que a ditadura militar instaurou-se. Uma época que, no âmbito político, ficou conhecida pela censura, repressão, violência e falta de democracia em que a concepção vigente levava a crer na necessidade de fazer esforços para unificar o país, protegendo de influências políticas estrangeiras. Nesse cenário nasceu o Projeto Rondon, criado entre meados de 1967 a 1969, recebeu este nome em homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, pois foi um grande protetor dos povos indígenas no país e um militar humanista.

O projeto foi desenvolvido pelo professor Wilson Choeri da antiga Universidade de Estado da Guanabara (UEG), atualmente Universidade do Rio de Janeiro. Embora não fosse a intenção do idealizador, a princípio o projeto adotou como lema “integrar para não entregar”, transmitindo um ideal desenvolvimentista interligado à doutrina de segurança nacional. A primeira operação do Projeto Rondon, ocorreu ainda em 1967, foi denominada de “Zero”, contou com a participação de 30 universitárias e 02 professores que adentraram o interior da Amazônia, permanecendo por 28 dias, com objetivo de prestar assistência médica nas comunidades carentes, fazendo levantamentos e pesquisas. Deste modo, as expedições seguintes ficaram conhecidas pelo caráter assistencialista, pois promovia ações de extensão universitária em lugares carentes e isolados no interior do país.

Após alguns anos de execução de extensão o Projeto Rondon foi extinto pelo Governo Federal, caindo no vago esquecimento até que no ano de 2003, a União Nacional dos Estudantes encaminhou ao então presidente Luís Inácio Lula, uma proposta para reativação do Projeto. Doravante, o Projeto foi reformulado ganhando uma nova imagem passando realizar ações voltadas para a capacitação dos multiplicadores e da população desassociando-se do caráter assistencialista passou a ser coordenado pelo Ministério da Defesa em parceria com os demais Ministérios recebendo apoio das Forças Armadas que fornecem apoio logístico e segurança necessária durante a operação.

O projeto Rondon é financiado pelo Governo Federal, pelas prefeituras municipais e empresas socialmente responsáveis, não existe nenhum elo empregatício entre

estudantes e o projeto, pode-se considerar como uma excelente oportunidade para os universitários colocarem em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso e trocarem experiências a partir da interação com a comunidade. O trabalho realizado nos municípios contemplados tem como objetivos ações transformadoras e duradouras para a população e administração pública local por meio de atividades que contribua com a construção da cidadania e com desenvolvimento local sustentável o foco da ação são os agentes multiplicadores, difusores e replicadores, como: as lideranças comunitárias, servidores públicos, professores, agentes de saúde, as organizações civis e a comunidade geral colaborando para o fortalecimento da Soberania Nacional.

Olhar universitário sobre a extensão do Rondon

O Projeto Rondon envolve três pilares da educação superior: o ensino propriamente dito que ocorre durante toda a formação do estudante voluntário, a pesquisa na busca por indicadores locais e informações e em último a realização da extensão. As ações realizadas através do Projeto Rondon seguem de acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária, na qual são considerados um “processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político”. À vista disso, é importante enfatizar que, Soares (2011) ressalta que a universidade deve agir como meio de transformações sociais devendo priorizar os setores mais vulneráveis no que tange o acesso à ciência, tecnologia e inovação.

Nessa perspectiva, é válido salientar que, segundo Freire (1979), só o sujeito é capaz de realizar o exercício da reflexão sobre a realidade objetivada, assim, cabe à universidade enquanto instituição formadora estimular a participação dos estudantes em espaços capazes de proporcionar momentos de reflexibilidade da realidade inserida. Portanto, a extensão realizada através do Projeto Rondon vai além das funções primárias alcançado um público heterogêneo ultrapassado os muros da universidade cumprindo com seu caráter social.

Ao seguir essa linha de raciocínio observa-se que a educação assume o papel de instrumento de transformação social, tendo cunho político, que resulta no desenvolvimento social e econômico, em progresso e na criticidade, porém, para que ocorra de fato uma mudança na sociedade faz-se necessário pensar na preparação do estudantes não somente para o mercado de trabalho mas para o exercício da cidadania como prevê a Constituição Federal de 1988. O autor abaixo afirma que:

[...] A preocupação não é basicamente como qualificar o trabalhador, nem com competências, saberes, habilidades deverá dominar, mas como constituí-lo na totalidade de sua condição de trabalhador para o capital. [...] Pensam a escola na árdua tarefa de constituir, formado ou deformado, conformado de acordo com um protótipo de ser humano. Essas análises nos lembram que todo o ato educativo tem uma intencionalidade política que vai além do aprendizado de aspectos pontuais e tem como horizonte maior uma opção política por um protótipo de ser humano (ARROYO, 1999, p. 29).

Como aluna do curso de Pedagogia, compreendo que ações extensionistas como a do Projeto Rondon, são essenciais para formação socialmente responsável dos

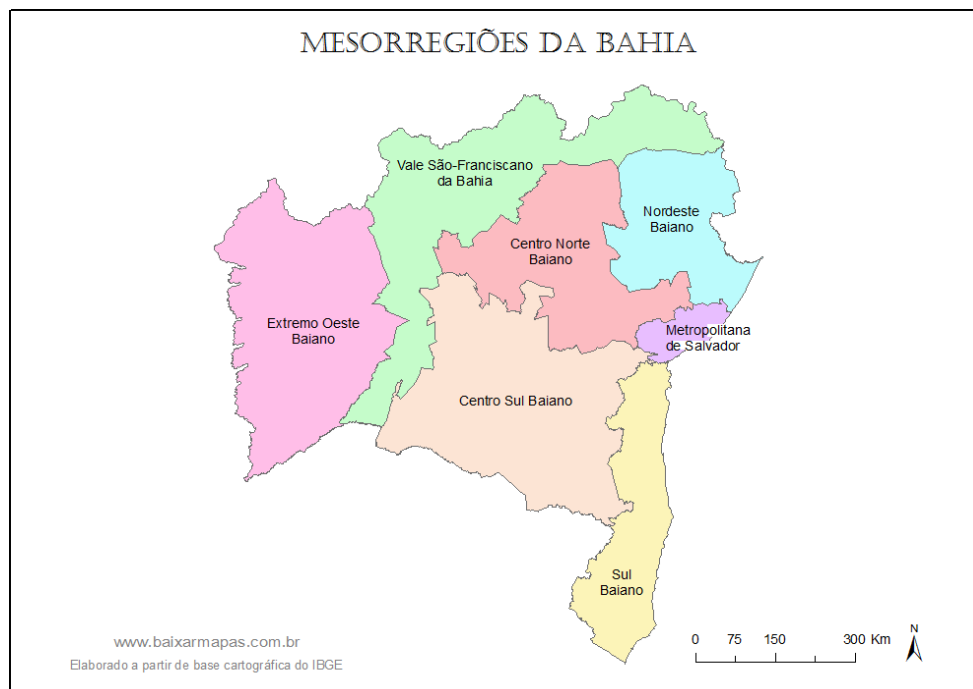
universitários, despertando uma visão mais ampla da sociedade e seus problemas sociais, pois como estudante, na maioria das vezes focamos na aprovação de concursos públicos esquecendo de refletir sobre os cargos que pretendemos ocupar e sobre a realidade destes municípios.

Nesse contexto, fica evidente, que as experiências obtidas através de atividades extensionistas, sobretudo como a do Projeto Rondon proporciona aos estudantes uma formação diferenciada, aproximando os acadêmicos da sociedade. Por essas razões, enquanto, estudantes e cidadãos só temos a ganhar com projetos como esses na sociedade, pois além de permite imersão cultural em uma realidade pouco explorada na vida acadêmica propicia troca de saberes populares articulando com conhecimentos científicos, viabilizando a democratização de conhecimento e despertando valores e atitudes de cidadania e responsabilidade social.

2. Operação Portal do Sertão: diagnóstico da região contemplada

O Projeto Rondon, após três anos de paralisação devido a pandemia mundial de Covid-19 foi reativado cumprindo com os editais lançados no ano de 2019 uma dessas operações foi Operação Portal do Sertão que foi realizada no estado Bahia entre janeiro e fevereiro de 2023, a operação recebeu este nome como forma de homenagear o estado e sua população que convive com um clima e uma vegetação tipicamente das regiões semiáridas ressaltando as riquezas das chapadas e dos sertões e da história do povo nordestino.

Figura 1 - Mapa das Mesorregiões da Bahia



Fonte: Baixar Mapas

O Estado da Bahia é considerado um dos maiores em proporções territoriais da região nordeste do país, com aproximadamente 567 km², a região é dividida em sete mesorregiões como é possível observar no mapa acima, sendo eles: Centro Norte Baiano, respectivamente Centro Sul Baiano, Nordeste Baiano, Vale São Francisco da Bahia, Extremo Oeste Baiano, Sul Baiano e Metropolitana Baiana. Nesta edição o Projeto Rondon atuou no Centro Norte Baiano o qual é composto por 2.119.878 habitantes compreendendo uma área de 81.655,5 km², sendo formada por oitenta municípios agrupados em microrregiões.

A operação possibilitou a integração de 252 rondonistas, nome dado aos participantes do Projeto Rondon, ao total foram 25 instituições voluntárias de Ensino Superior que participaram dessa edição. Nesta operação 12 municípios foram contemplados com a operação, sendo eles: Anguera, Aramari, Caetanos, Candeal, Iaçú, Iará, Itatim, Ouriçangas, Pedrão, Rio do Antônio, Serra Preta, Tanquinho e Feira de Santana, que também foi a sede do projeto.

Todos os municípios contemplados para a operação receberam duas equipes de rondonistas de IES diferentes representados segmentos de trabalhos distintos para trabalhar em parceria, cada equipe é formada por oito alunos e dois docentes orientadores. A elaboração da proposta de trabalho da Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP para região nordeste do Brasil foi realizada por uma equipe multidisciplinar a qual se dedicou ao desenvolvimento de oficinas para o conjunto B (Comunicação, Meio Ambiente, Tecnologia, Trabalho e Produção).

Tabela 1: Caracterização das cidades contempladas

Cidades	% População Urbana	% População Rural	% extremamente pobre	% pobre	% de vulneráveis à pobreza
Água Fria (BA)	36,72	63,23	28,8	50,3	74,61
Anguera (BA)	42,24	57,76	14,26	38,32	69,04
Caetanos (BA)	24,13	75,87	27,58	43,74	68,49
Candeal (BA)	39,08	60,92	13,4	36,55	66,21
Coração de Maria (BA)	41,96	58,04	22,92	42,58	68,18
Itatim (BA)	69,63	30,37	18,01	40,67	66,54
Macururé (BA)	35,43	64,57	25,61	47,59	72,01
Ouriçangas (BA)	33,29	66,71	10,59	32,58	62,34
Pedrão (BA)	24,69	75,04	20,91	44,72	73,07
Rio do Antônio (BA)	40,45	59,55	23,62	39,43	65,06
Santanópolis (BA)	19,19	80,81	22,4	38,96	69,81
Santa Teresinha (BA)	24,19	75,81	27,05	45,32	69,49
Serra Preta (BA)	44,93	55,07	23,2	42,08	66,64
Sítio do Quinto (BA)	41,07	58,93	27,1	47,71	68,75
Tanquinho (BA)	71,32	28,68	17,31	36,45	63,72
Teodoro Sampaio (BA)	81,2	18,8	21,43	39,63	71,31

Fonte: Atlas Brasil

Tabela 2: Caracterização das cidades contempladas

Cidades	Percentual da renda apropriada pelos 20% mais pobres	Percentual da renda apropriada pelos 40% mais pobres	Razão 20% mais ricos / 40% mais pobres	Índice de Gini
	2010	2010	2010	2010
Brasil	2,41	8,59	14,83	0,6
Água Fria (BA)	1,84	8,69	12,83	0,53
Anguera (BA)	3,85	13	8,09	0,48
Caetanos (BA)	1,64	8,73	11,68	0,5
Candeal (BA)	4,05	13,91	6,95	0,44
Coração de Maria (BA)	2,01	9,49	11,38	0,52
Itatim (BA)	3,32	12,21	8,15	0,46
Macururé (BA)	1,79	8,51	13,22	0,55
Ouriçangas (BA)	4,35	13,9	7,19	0,45
Pedrao (BA)	2,7	11,87	8,49	0,47
Rio do Antônio (BA)	2,18	10,04	10,23	0,49
Santanópolis (BA)	1,9	9,78	11,33	0,52
Santa Teresinha (BA)	1,82	8,69	12,72	0,53
Serra Preta (BA)	2,14	10,23	9,8	0,48
Sítio do Quinto (BA)	2,12	8,61	13,31	0,55
Tanquinho (BA)	2,99	11,56	8,83	0,48
Teodoro Sampaio (SP)	4,17	13,52	7,67	0,47

Fonte: Atlas Brasil

Os municípios contemplados com o projeto Rondon possuem características semelhantes que implicam diretamente na desigualdade e na vulnerabilidade social, condições essas que podem ser revestidas através de políticas públicas. Conforme é apresentado nas tabelas 1 e 2 nota-se que as cidades contempladas com a operação possui uma população majoritariamente rural como é o caso do município de Pedrao que possui o índice 75,04% composta por moradores da zona rural os dados ainda revelam uma condição 73,07 % da população se encontram em situação de pobreza e vulnerabilidade.

Nesse contexto, é interessante reforçar que segundo a tabela 2 Índice de Gini demonstra que os municípios contemplados se encontram em condições de pobreza extrema o que ocasiona a alta exclusão social dos municípios abordados. A região apresenta grandes dificuldade relacionada à seca, sendo considerada pobre em volume de escoamento de água dos rios, essa situação pode ser explicada em função das características climáticas e temperatura, pelas baixas precipitações, e limpidez atmosférica associadas à localização geográfica intertropical que favorecem a predominância de solos rasos sobre rochas cristalinas que favorece baixas trocas de água entre rio e o solo ocasionado na seca dos rios em determinada época do ano.

Tabela 3: Caracterização das cidades

CIDADE	ESCOLARIZAÇÃO (6 A 14)	MORTALIDADE INFANTIL (EM 1000)	ESGOTAMENTO SANITARIO ADEQUADO (%)
Agua Fria	97	47,06	2,6
Anguera	98,2	-	25,5
Caetanos	96,9	26,55	9,5
Candeal	98,2	9,09	0,7
Coração de Maria	98,8	3,73	3,9
Itatim	97,9	11,3	2,7
Macururé	97,1	33,33	1
Ouriçangas	98,7	12,66	15,5
Pedrao	98,3	34,48	2,5
Rio do Antônio	96,5	14,6	16,4
Santa Teresinha	97,5	-	4,6
Santanópolis	99	-	1,1
Serra Preta	98,1	16,13	11,1
Sítio do Quinto	97,9	20,41	16,6
Teodoro Sampaio	95,8	19,61	22,8

Fonte: Atlas Brasil

Os municípios além de sofrerem com a seca apresentam índice de esgotamento sanitário adequado é extremamente baixo o que colabora com a incidência de doença veiculadas à má qualidade da água consumida, especificamente as que residem nas zonas rurais, devido a precariedade ou inexistência de tratamento de água e de esgoto, o que pode explicar a prevalência de doenças como a esquistossomose e diarreia nas localidades. Nota-se que esses indicadores estão diretamente relacionados à mortalidade infantil que apresenta números extremamente altos quando comparado com outras regiões do país, mediante a essa realidade pode-se compreender que a região foi escolhida justamente pela necessidade de produzir ações que estimulem a educação refletindo diretamente na qualidade de vida de inúmeros indivíduos.

Caminhos trilhados até a comunidade Quilombola do Buri e Gameleira

A Operação Portal do Sertão foi uma ação programada para acontecer no ano de 2020, no entanto, com advento da pandemia mundial de Covid-19 atividade foi prorrogada, assim muitos universitários que iriam participar da ação se formaram. Com a volta do novo normal os professores coordenadores e orientadores do Departamento de Engenharia Ambiental (DEAMB) e Engenharia Civil (DECIV) tiveram que readequar o planejamento do projeto e principalmente tiveram que abrir um novo processo seletivo, o processo o qual participei teve como critérios ser integrante dos grupos PET's, ter cursado metade do curso e ter um coeficiente acima da média, dos alunos

pré-selecionados oito foram escolhidos, dentre os cursos de Engenharia Ambiental e Civil, Nutrição e Pedagogia.

Nesta operação trabalhamos em parceria com a UNESCO, Instituição de Ensino Superior do Espírito Santo, equipe responsável pelo desenvolvimento das atividades do conjunto A (Direitos Humanos e Justiça, Cultura, Educação e Saúde). Alguns meses antes da realização da Operação Portal do Sertão aconteceu a viagem precursora onde os professores coordenadores de cada EIS conheceram o município de Pedrão e suas reais necessidades, estabelecendo juntamente com os líderes municipais e à prefeitura as ações que seriam realizadas pelos rondonistas dos dois conjuntos durante a operação, firmando apoio logístico, alojamento e alimentação.

Com orientação dos professores coordenadores buscamos indicadores locais da região que favorecem um diagnóstico o qual norteou a construção do planejamento das atividades, como se tratava de uma equipe multidisciplinar, os rondonistas foram divididos em duplas para construção das atividades conforme o domínio acadêmico e afinidades. Cada estudante trazia contigo conhecimentos da sua área de formação contribuindo com perspectivas diferentes na hora de montar as ações que foram preparadas em modelo de oficinas e minicursos. Foram dois meses de trabalho em equipe planejando as ações que realizaríamos no campo, nesse processo recebemos financiamento da Escola de Minas e da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) o dinheiro arrecadado foi utilizado para comprar materiais para execução das ações.

As ações realizadas no projeto se caracterizam como trabalho voluntário e por isso as operações ocorrem durante as férias, com duração de 15 dias, porém, ao contrário de outras universidades, o calendário acadêmico da UFOP encontra-se irregular. Assim, em meio ao período letivo ausentamos das aulas para embarcar na missão Portal do Sertão. No dia 26 de janeiro viajamos para Bahia com destino para capital, no aeroporto fomos recebidos pelos os nossos anjos- nome dado aos Sargentos responsáveis pelas segurança e logística das IES, que fizeram o nosso transporte até o 35º Batalhão de Infantaria Luiz Barbalho Bezerra, localizado na cidade Feira de Santana, onde ficamos hospedados por quatro dias.

Quando chegamos em Feira de Santana a emoção de fazer parte do Rondon aumentava cada vez mais, dava para se ver a euforia espelhada nos rostos de todos, ao chegar no Batalhão fomos direcionados para os alojamentos onde deixamos os nossos pertences antes de realizar a primeira refeição. Após a refeição foi distribuído kit rondonista, composto por mochila, camisetas, capa de chuva, caneca, garrafa de água, bloco de anotações, crachás personalizados e canetas, esses últimos materiais foram essenciais para realizar anotações em campo é válido enfatizar que a estadia no batalhão nos possibilitou o contato com os demais rondonistas que atuariam no Estado.

Os militares preparam dois dias para a iniciação ao projeto e dois dias para o encerramento, sucessivamente, para iniciação os rondonistas foram contemplados por uma formatura do Exército que contou com a presença de outras autoridades estaduais, participamos da abertura do Projeto Rondon feita pelos militares, que explicaram os objetivos do Projeto Rondon, além disso, foi oferecido um treinamento de sobrevivência na selva, o que encantou a todos pela oportunidade de obter informações sobre as características da Região Nordeste e conhecimento da sua biodiversidade.

Após os dez dias de oficinas, voltamos para o 35º Batalhão de Infantaria Luiz Barbalho Bezerra na cidade de Feira de Santana onde os militares preparam um passeio pelo Museu Parque do Saber Dival da Silva Pitombo e o Mercado de Arte Popular. De acordo com o coordenador, o planetário do Museu Parque do Saber foi escolhido para visita devido a sua importância no viés educacional e científico. No dia seguinte fomos para o Centro de Cultura Amélio Amorim onde foi realizado o encerramento do Projeto Rondon onde os militares apresentaram os dados a respeito das ações desenvolvidas pelos rondonistas, sobre o retorno da comunidade foi um momento reflexivo e cultural.

Um município chamado Pedrão (Bahia)

Pedrão foi um dos municípios contemplados pelo projeto Rondon a sua história confunde-se com a história de Irará, do qual foi desmembrado erguendo-se na categoria de município pela lei estadual n.º 1.705, de 12-07-1962 com uma população estimada em 7.438 habitantes segundo o censo IBGE em 2021. Partimos de Feira de Santana com muita ansiedade, expectativa e medo para o município de Pedrão onde percorremos 64 km, a partir do momento que entramos no ônibus éramos uma única equipe a caminho com o único objetivo em comum.

Na chegada da cidade avistamos uma faixa de boas vindas e uma bandinha com várias pessoas agrupadas, descemos ali mesmo onde fomos recebidos pela população e pelos líderes dos grupos organizados que nos levaram até a principal praça da cidade onde as autoridades locais e comitê Rondon- equipe criada para alinhar as ações e demanda dos rondonistas- nos aguardava, foi uma verdadeira festança com roda de capoeira e samba, não houve ninguém que não tenha entrado na roda, foi notória como a população dava importância à nossa presença.

Aparentemente o município não parecia ser tão pobre quanto imaginamos, algo que ficou muito claro era que a nossa presença estava sendo o acontecimento do ano, desde o momento que chegamos no município fomos recebidos com muito carinho e admiração. Os Pedronenses são pessoas muito simples e humildes, a cidade visualmente é um lugar pacato e tranquilo com ruas limpas e as casas muito simples exceto de algumas, na maioria das vezes não se via muros e nem cercas separados as casas.

Ao encerrar as apresentações partimos para o alojamento onde fizemos a nossa primeira refeição na cidade que foi um verdadeiro banquete, O alojamento fornecido pelo município era um casarão que fornecia tratamento de reabilitação física para comunidade durante o tempo que estivemos na cidade aquelas pessoas não tiveram acesso ao local. Em seguida os professores coordenadores da ação se encontram com o comitê Rondon para alinhar as demandas das oficinas e compreender o engajamento do projeto na comunidade.

Chegamos em momento de festividade e manifestações culturais do município a Lavagem de Pedrão uma festa tradicional da cidade que atrai uma multidão de pessoas que conta com a participação das baianas que jogam água de cheiro nas pessoas e na escadaria da Paróquia Sagrado Coração de Jesus do Pedrão, também conta com a presença dos Encourados e do Bumba Meu Boi. Ouvi muitas pessoas reclamando e

dizendo que a festa havia perdido a identidade e características após a volta do novo normal, mas também vi muitas pessoas se divertirem. A festa foi algo que me chamou muita atenção devido a riqueza cultural e as misturas de ritmo e de elementos folclóricos.

No dia seguinte, aproveitamos o dia para fazer reconhecimento do local e também realizamos uma reunião para trilhar metas e organizar quadro de atividades recebemos algumas orientações as quais viriam ser muito importantes já que estávamos vivenciarmos o mesmo contexto social e a mesma rotina, como: acordar todos os dias cedo, dividir banheiro coletivo e as refeições além de preparar os materiais e as oficinas também tínhamos de acompanhar as demais apresentações isso seria uma nova parte da aprendizagem coletiva.

Ao fazermos o reconhecimento da cidade e conversando com os moradores foi possível perceber que a pobreza material era algo marcante as ruas eram bem movimentadas mas não de carro porque não havia muitos por ali algo que me chamou atenção e que grande parte dos motociclistas não utilizava capacete para pilotar vi muitos adolecentes dirigindo e pilotando também. Ao andar pelas ruas ninguém nos tratava como desconhecidos, a população de forma geral se mostrou muito acolhedora, éramos abordados na rua para conversar e para pedir informações sobre as oficinas.

Durante as oficinas a população demonstrou muito interesse inclusive os Pedronenses foram muitos participativos faziam perguntas e comentários pertinentes, a humildade e simplicidade daquele povo me encantou, ao falar muitos dizem que eram analfabetos, nesses casos tínhamos mais para escutar do que falar. Embora os dados apontem que o município se encontra em situação de pobreza extrema eles são ricos em cultura em cultura e educação, digo que o município e as pessoas nos abraçaram lá o calor humano foi diferenciado.

No município de Pedrão incluindo a comunidade quilombola foram realizadas cerca de 29 oficinas pela IES da Ufop, ao longo de dez dias de trabalho com participação média de 18 pessoas por oficina com aproveitamento de 9 pontos , conforme a tabela abaixo que apresenta as ações realizadas e quantidade de pessoas e conceito atribuído ao trabalho dos rondonistas. Quando as oficinas acabavam muitas pessoas vinham até nós em busca de informações ou simplesmente para nos agradecer, não sendo o bastante, elas faziam um esforço enorme para nos agradar e recebíamos frutas em sinônimo de gratidão.

Embora a maioria da população do município resida na zona rural, a maioria das atividades aconteceram no centro urbano devido a questões logísticas, mas para que os moradores das comunidades quilombolas e dos distritos pudessem participar a prefeitura ofereceu transporte público. Das atividades que ocorreram na comunidade quilombola pode-se afirmar que elas foram construídas especificamente para atender as necessidades reais dos remancentes quilombolas, as oficinas efetuadas seguiram o eixo da comunicação, meio ambiente e trabalho.

Quadro 1: Atividades realizadas pela IES/UFOP no município de Pedrão

Atividade	Nr participante	Conceito
Introdução ao Pacote OFFICE - turma 1	27	9,81
Desvendando o Excel: Aprenda a utilizar-lo turma 1	26	8,94
Desvendando o Excel: Aprenda a utilizar-lo turma 2	21	9,27
Alquimia - do óleo ao Sabão	6	9,72
Curso de obras - Acabamentos	17	9,67
Curso de obras - Gestão de obras e materiais	16	9,67
Teatro de fantoches	24	9,66
Como construir um sistema de tratamento de esgoto - Tanque de Evapotranspiração	2	10,00
Introdução ao Pacote OFFICE - turma 2	31	9,17
O mundo da imaginação: Esquistossomose? Se pique! - Adultos	25	8,68
Ora pro nobis ou oramos por elas (Quilombo)	21	9,94
O mundo da imaginação: Esquistossomose? Se pique! - Crianças	19	
Desvendando o Excel: Aprenda a utilizar-lo turma 3	16	9,22
Feira de ciências	14	10,00
Gestão de Redes Sociais	11	10,00
Educação Financeira	26	9,69
Como impulsionar seu marketing com a ferramenta CANVA	39	9,77
Feira de Profissões	18	9,65
Nada se perde, tudo se cozinha	10	9,91
Mundo da imaginação: Roda de leitura	16	9,81
Compotas, conservas e geleias	16	9,78
Rotulagem de alimentos	11	9,29
Educação Ambiental para o público infantil: aprenda ferramentas para forma jovens com consciência ambiental	4	10,00
Compostagem: funcionamento e benefícios	4	10,00
Pintura de Paredes.	17	9,75
O valor do lixo: o potencial dos resíduos recicláveis de Pedrão	8	10,00
Transforme seus resíduos em objetos úteis	23	10,00
Círculo de bananeira: tecnologia para tratar água da pia, chuveiro e da lavagem de roupa	10	10,00
Ora pro nobis ou oramos por elas - turma sede	21	9,92

Fonte: Anexo “O”: relatório final

3. Descrição da comunidade quilombola: relatos de uma experiência

Entre os rondonistas o que mais se ouvia falar era da ansiedade de conhecer a comunidade quilombola já que tudo que sabíamos estava baseado nos livros de histórias e reportagens. Ao entrar na comunidade quilombola avistamos um grande galpão coberto com cadeiras em formatos de círculos onde fomos recebidos por alguns moradores e pela líder quilombola a qual nos contou sobre a história do quilombo, sobre a cultura e economia. Diante disso, é interessante ressaltar que, o modo de organização de vida das comunidades quilombolas corresponde aos movimentos de resistência dos povos negros formada pela junção das africanidades e brasilidade. Como afirma Silva (2005, p. 156)

as raízes da cultura brasileira que tem origem africana. Refere-se ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas. As africanidades brasileiras vem sendo elaboradas há quase cinco séculos na medida em que os africanos e seus descendentes ao participar da construção da nação brasileira vão deixando nos outros grupos étnicos que convivem suas influências e, ao mesmo tempo recebem e incorporam as destes. (Silva et al.2005, p. 156)

Nesse contexto, faz-se necessário compreender a formação das comunidades quilombolas, sobretudo, não como algo que existiu do passado mas como local que é formado pelos movimentos de resistência, pelas lutas historicamente travadas e por direitos negados. Conforme Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 considera-se remanescentes quilombolas grupos étnico-raciais com trajetória histórica própria oriundos dos povos que resistiram a brutalidade do regime escravocrata.

A comunidade Quilombola do Buri e Gameleira surgiu no século de XIX, quando Manoel Bellon comprou uma grande quantia de terreno pelo valor de Rs.100\$000 (Cem mil Réis) do senhor Joaquim da Silva Cravo dono da fazenda Buri, comprando também a liberdade de sua esposa Maria da Conceição Belon , juntos tiveram muitos descendentes que vivem até hoje no quilombo. A comunidade do Buri e Gameleira está localizada a quatro quilômetros da cidade de Pedrão, fazendo divisa ao Sul, com a Fazenda Montanha, ao Norte com a Fazenda Gameleira, ao Leste com a Fazenda Areia Pó e ao Oeste do município.

A comunidade quilombola foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombo, no dia 24 maio de 2013, conforme o Processo nº 01420.016526/2012-75. Atualmente a comunidade é composta por 57 residências com água encanada e energia elétrica, uma capela, uma escola, um terreiro de candomblé, quatro bares, quatro casas de farinhas, sendo que uma já está desativada, dois campos de futebol na comunidade existem vários pés de árvores frutíferas. As moradias são muito simples e não possuem tratamento adequado de esgoto somente fossas sépticas, o abastecimento de água advém de dois reservatórios de dez litros que a companhia de Engenharia Ambiental e Recursos Hídricos da Bahia instalou no ano de 1994 o qual capta a água de uma nascente de água cristalina na região.

Os moradores da comunidade são pessoas simples que sobrevivem da terra e dos recursos naturais através do plantio eles colhem milho, mandioca, feijão e fumo e alguns moradores criam alguns animais como porco, galinha e boi para complementar a renda porém não alcançam preços significativos por isso muitos recebem ajuda dos programas do Governo Federal, como: bolsa família, bolsa escola, aposentadoria por idade e viuvez, dentre outros.

A cultura é marcada pelo candomblé, samba de roda, a queima de lapinha, a folia de reis e a festa da padroeira da comunidade Nossa Senhora da Ajuda e pelas cavalgadas, juntas são festa que representam a tradição da comunidades que foram passadas de geração como é o caso do candomblé que foi passado de pai para filha, a qual assumiu a responsabilidade e compromisso de as fazer festas todos os anos como de costume, no entanto, é possível observar que o terreiro vem perdendo adptos para outras religiões

como o catolicismo. Segundo Furtado, Sucupira e Alves a cultura é um campo simbólico que reúne elementos educacionais que orientam a prática da relação social.

A cultura deve ser compreendida como campo simbólico, por possibilitar aos sujeitos uma complexa rede de relações sociais, capaz de significações por meio de símbolos, signos, práticas e valores. Neste contexto, as comunidades passam a ser compreendidas a partir de suas singularidades, individualidades próprias e estruturas específicas. A cultura é percebida portanto, como um sistema de códigos que comunicam o sentido das regras a fim de orientar as relações sociais (FURTADO, SUCUPIRA e ALVES 2014 pg. 107)

No local existe uma pequena escola que recebe alunos desde os Anos iniciais até o último ano do Ensino Fundamental I e de acordo com a demanda é oferecido o EJA, a instituição funciona normalmente em 2 turnos e em salas multisseriadas, a escola não possui Projeto Político Pedagógico (PPP) e não segue Diretrizes Curriculares Nacionais para educação quilombola.

Somando-se a isso, a escola não possui um quadro docente e uma gestão composta primordialmente por educadores oriundos da comunidade o resultado disso pode ser a imposição dos saberes curriculares sobre o local. À vista disso, é importante salientar que a Educação Quilombola, procura desenvolver laços entre os tempos históricos, dimensões socioculturais e a inserção no mundo do trabalho, logo, ao seguir essa linha de pensamento pode-se notar-se que a ausência dessas ações implicam em uma formação onde os sujeitos não se reconhecem como agentes das sua própria história.

Ações desenvolvidas: um encontro com remanescentes quilombolas

As ações programadas para comunidade quilombola foram realizadas de modo que atendesse-se as necessidades do público alvo, conforme os dados apresentados no diagnóstico da região contemplada, a comunidade apresenta padrão de esgotamento muito abaixo do que é considerado adequados o que pode estar relacionado com alto índice de mortalidade infantil também contém baixo nível de escolaridade. Mediante, a essa análise constatamos alguns pontos que levou a idealização das seguintes oficinas: Ora-pro-nóbis ou oramos por ela; mundo da imaginação: esquistossomose? se pique; Círculo de Bananeiras e TEVAP.

A primeira oficina realizada no quilombo foi a oficina Ora-pro-nóbis ou oramos por ela surgiu como própria demanda da comunidade quilombola de Pedrão que buscava meios de retomar a utilização da planta como forma de valorizar o elemento cultural e tradicional muito forte na culinária baiana cuja suas propriedades nutricionais e sua história não são tão difundidas, sendo uma oficina do eixo da tecnologia e produção, como principal matéria didático foi elaborado um banner conteudista. Durante a oficina discutimos sobre a planta e a higienização das folhas, segurança alimentar, valor nutricional da planta alimentícia não convencionais PANC's, valor farmacológico e suas principais aplicações, sobre o patrimônio cultural que ela se tornou em Sabará, cidade

de Minas Gerais, e sua utilização na culinária (omelete, salada, suco, pudins e doces variados e diversos salgados).

Para complementar a discussão, duas cozinheiras da própria comunidade, com vasta experiência na produção de quitandas, elaboraram um pão e um bolo com o ora-pro-nóbis: um em que a planta era batida e incorporada na massa e, outra, em que ela fora usada como recheio. Recordo-me que foi momento mais aguardado da oficina todos queriam degustar o pão e bolo que por sinal estavam deliciosos, as senhoras e as mulheres que participaram da oficina saíram daquele local reconhecendo as propriedades nutricionais e farmacológicas que a planta ora-pro-nóbis possui, dizendo que a partir daquela oficina iriam fazer o uso da planta até mesmo no suco.

No mesmo dia realizamos a oficina mundo da imaginação: esquistossomose? se pique, pertencendo ao eixo da comunicação a qual teve como público alvo crianças, jovens e adultos, o intuito da oficina foi despertar os sujeitos para as práticas da leitura e hábitos de higiene saudáveis possibilitando a compreensão do ciclo da doença esquistossomose e os meios de tratamento e prevenção da doença. Para o público infantil preparamos uma contação de história do livro Bambo tem esquistossomose a história foi criada pela Organização de Saúde que narra a história de uma criança quilombola e contraiu a doença esquistossomose após nadar em um rio contaminado.

Durante a contação de histórias as crianças ficaram vidradas nas atitudes que o Bambo teve e ficaram espantadas com os sintomas da doença, ao fim da cotação foi proposto para que as crianças representasse o ciclo da doença conforme o que elas haviam aprendido, as crianças se juntaram em cinco grupos de seis crianças elaboram um cartaz contendo o ciclo infecciosa da doença algumas fizeram até o próprio Bambo outras fizeram parentes que foram contaminados com a doença. Assim, que elas finalizaram o cartaz elas explicaram para a comunidade quilombola o ciclo infeccioso o que foi muito surpreendente elas mostram um desenvolvimento impressionante na explicação.

Como mencionado acima a mesma oficina foi realizada com adultos ao total havia vinte uma pessoas em um roda de conversa inicialmente foi levantada a questão de quem conhecia a doença e muitos não sabiam o que era e não tinham ideia de como é transmitida. Um grupo de 3 pessoas conhecem-na por “barriga d'água" através de conhecidos que já tiveram a doença, porém, ainda assim, não sabiam o que a causava e como se pegava. No decorrer da oficina apresentamos o ciclo da vida do parasito, tanto no meio ambiente quanto no ser humano, para isso utilizamos ajuda de figuras impressas e plastificadas que foram passadas de mão em mão, conseguiu-se ilustrar todas as etapas do ciclo. Ao final, foi exibido o verme adulto que conseguimos levar e, enquanto passava para todos visualizarem, também foi entregue um folder explicativo para que pudessem levar para casa.

A oficina de Círculo de Bananeiras e TEVAP pertencem ao eixo do meio ambiente, a sua duração levou mais tempo devido a falta de recursos para realizar a oficina os moradores do quilombo tiveram que nos ajudar na parte operacional da oficina, assim

como na oficina de TEVAP, ambas foram executadas no mesmo local. A oficina Círculo de Bananeiras teve como objetivo apresentar uma tecnologia apropriada para destinação das águas cinzas provenientes da cozinha, lavagem de roupa e banho sendo um sistema de tratamento de esgoto secundário, que utiliza apenas materiais biodegradáveis e trabalha reinserindo o esgoto no ciclo natural da água.

Para sua construção, foi aberta uma vala de 1,4 m de diâmetro e 0,6 m de profundidade, que foi preenchida com troncos de madeira pequenos, galhos médios e palhas, de maneira que se forme um pequeno monte acima da vala. Ao redor da vala, plantamos 4 a 6 mudas de bananeiras, usamos a bananeira porque ela evapora grandes quantidades de água e se adapta bem a solos úmidos e ricos em matéria orgânica.

A oficina Como construir sistemas de tratamento de esgoto-TEVAP teve como foco explicar como se constrói tanque de evaporação de esgoto adequado para águas cinzas e fecais e realizando uma aula práticas sobre como construir um TVAP. Esse oficina foi de extrema importância para a comunidade, uma vez que o esgoto é composto por elevada matéria orgânica e microrganismos patogênicos, em que se disposto de maneira incorreta, pode poluir mananciais hídricos e colocar em risco a saúde humana e animal.

Para que isso seja evitado, é necessário tratar o esgoto, antes de descartá-lo em corpos hídricos, assim, ao construir o Tanque de Evapotranspiração (TVAP) com a comunidade vimos como forma de contribuir meios para se construir o saneamento básico dentro da comunidade. As duas últimas oficinas foram uma das mais marcantes na comunidade quilombola, pois sem a ajuda dos remanescentes quilombolas ela não seria possível foi um momento de muita colaboração e ajuda mútua.

Reflexão sobre a educação quilombola

O quilombo do Buri apresenta-se como um local rico em história ancestrais e culturas tradicionais, no que concerne à cultura pode-se dizer que inclui a arte, crenças, danças, culinária, de certo modo tudo que envolve o costume e as tradições das comunidades a organização social faz o diálogo entre a cultura africana e brasileira. Nota-se que a educação e a cultura são processos que se complementam, à vista disso, interessante destacar que a educação quilombola visa incorporar aos conhecimentos escolares sistematizados todos os saberes da comunidade a dinâmica cotidiana, a história, cultura e as dificuldades vivenciadas. Conforme Brandão (1981)

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem o saber que atravessa as palavra da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os

homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita. (BRANDÃO, 2007, P.10-11)

A escola constitui-se em lugar onde aprendemos e compartilhamos não somente os conteúdos sistematizados mas também valores, crenças e hábitos, porém, como foi possível observar a única escola existente na comunidade não segue as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básicas, logo, os saberes oriundos da comunidade quilombola não são passado para os alunos. Portanto, em um país como o Brasil que formado pela miscigenação é marcado pelo preconceito racial é de extrema importância que as escolas quilombolas sigam as Diretrizes Quilombolas, pois a ausência dessas ações podem implicar em uma formação onde os sujeitos não se reconhecem como agentes das sua própria história.

Levando em consideração que a escola não segue as Diretrizes Curriculares Quilombola, observa-se que dentro da proposta pedagógica da instituição existe a incorporação de conteúdos relacionados à temática das relações étnicas raciais. No entanto, ocorre com uma visão simplista e vazia, conforme relato da líder da comunidade quilombola, a escola visa desenvolver ações pontuais com temas transversais focado na negritude e das culturas africanas, mas fazem isso em datas pontuais como dia da consciência negra desenvolvendo projetos especiais em parceria com a comunidade quilombola trabalhando durante todo o mês de novembro.

A partir do momento que a escola quilombola não assume o compromisso social de desenvolver uma proposta pedagógica voltada para o rompimento com o preconceito racial criando estratégias do sentimento de pertencimento a comunidade e do fortalecimento da construção da identidade acarreta em um processo de exclusão no qual esses sujeitos não se reconhecem como a gente da sua própria história ocasionando evasão da comunidade quilombola. Diante disso, fica evidente a importância da educação e da proposta pedagógica a qual deve agir como a mola propulsora de conhecimentos ancestrais para a comunidade quilombola e na construção da identidade. Conforme Larchert e Oliveira (2013)

A identidade se constrói com relação à alteridade. Com aquilo que não sou eu. É diante da diferença do outro que a minha diferença aparece.” O currículo da escola formal apaga diferenças que lhes são constitutivas, porque não considera as singularidades e as diferenças expressas na cultura em que está inserido. Para acender essas diferenças na escola, é necessário a prática pedagógica assumir-se afro-brasileira e impregnar-se de cultura negra rural quilombola.” (LARCHERT E OLIVEIRA 2013, p. 84)

Nessa perspectiva, pode-se constatar que a educação quilombola auxilia no processo de construção da identidade negra fazendo com que esses sujeitos se reconheçam como agentes da sua própria história. A ausência das diretrizes curriculares quilombolas pode a carregar na exclusão dos alunos quilombolas, negros e pobres, uma vez que a própria estrutura das escolas brasileiras contribui com o processo de exclusão colaborando com a construção de estigmas sobre a identidade negra seja pela forma que trata os alunos

negros, pela ausência de discussões sobre a temática ou por tratar a questão racial no interior da escola de modo vazio sem aprofundamento. De acordo com Lima (2003), a universidade deve se fazer presente na comunidade realizando a troca de experiências ocasionando na identificação de valores permitindo que a população se reconheça como sujeito da sua própria história, proporcionando consequentes mudanças das condições de vidas, superando, assim, problemas sociais encontrados na própria comunidade.

A educação como troca de conhecimento: algumas relações

A educação simbolicamente é uma bandeira que carrega lutas e história de vários povos e para os remanescentes quilombolas não seria diferente a interação entre universitários e os jovens e adultos quilombolas fizeram-me pensar na importância que a educação tem para esses sujeitos, principalmente, me fez refletir sobre a troca de saberes populares e conhecimentos científicos. Na comunidade quilombola realizamos quatro oficinas voltadas para o público infantil, jovens e adultos que foram um sucesso ao longo das oficinas realizadas através da extensão conhecemos um pouco sobre a cultura da comunidade o que proporcionou uma imersão em uma realidade marcada por movimentos de resistência.

A todo momento durante as oficinas vinham em minha mente os ensinamentos de Freire, algo que me fez compreender que ensinar é um exercício diário que requer diálogo e troca de saberes as oficinas foram marcadas pela reciprocidade e valorização, onde professores, alunos aprenderam junto com a comunidade quilombola e vice versa. Foi um processo que exigiu respeito sobre os saberes populares, cuja, muitas vezes são desprezados e deixados de lado. Portanto, é válido ressaltar que, conforme, Freire (1996, p.26; 27)

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. (Freire et al.1996, p.26; 27)

A educação freireana está voltada para o pensamento crítico e reflexivo que viabiliza a emancipação proporcionando um caminho no qual o sujeito e o agente da sua própria história. Nesse sentido, faz-se necessário pensar na urgência da educação problematizadora em romper com os paradigmas da educação bancária que separam educador e o educador na prática. Reafirmando o papel da educação como um ato político, o qual exige dos educadores(as) e educandos(as), um posicionamento de respeito e compromisso social, para assim, realizar uma prática libertadora, pautada no diálogo e que humanize o ser humano.

A imersão na comunidade quilombola me fez analisar a educação dos jovens e adultos que resultou em uma troca de experiências e saberes ímpar entre acadêmicos e quilombolas. Compreender o perfil da comunidade foi fundamental para entender quais

são os sujeitos alvos da ação educativa, percebendo-se que são diferentes em experiências de vida por fatores culturais, sociais, econômicos e políticos. Mediante ao contexto social dos quilombolas não poderíamos agir desconectados da realidade e das necessidades de aprendizagem do público alvo ignorando todo conhecimento adquirido das vivências e experiências, assumindo uma posição negativista, como se esses sujeitos faltassem conhecimentos e habilidades.

Durante as oficinas percebemos que tínhamos mais a ganhar ouvindo e aprendendo com remanescentes quilombolas do que focando nos conhecimentos científicos que havíamos preparado. As oficinas que se seguiram foram mais tranquilas, pois compreendemos que como rondonista e principalmente como futuros profissionais estávamos naquele local para aprender junto com a comunidade e compartilhar os conhecimentos adquiridos na universidade, através dessa ação extensionista foi notório tamanha satisfação e empenho desses sujeitos mediante as atividades formativas na área da educação ambiental, comunicação e produção todos que estavam participando das atividades como ouvinte ou como palestrante tinha algo a ensinar e para compartilhar.

Contribuições finais

Considero que o Projeto Rondon é uma experiência única e singular o qual possibilitou uma imersão cultural em uma realidade que todos sabem que existe mas muitas vezes acaba sendo invisível aos nossos olhos sendo um contexto pouco explorado na formação acadêmica. Afirmando que ao final deste projeto ficou em mim um grande carinho pelo município de Pedrão- Bahia e principalmente pela Comunidade Quilombola do Buri e Gameleira que apesar das dificuldades, o povo nos acolheu com muito carinho, humildade e educação.

Nesse contexto, é importante salientar que o Projeto Rondon caracteriza-se como maior projeto de extensão do país, sendo a maior sala de ensino que um estudante poderia frequentar. O Projeto Rondon apresentou um povo brasileiro que anseia melhoras de vida por meio da educação, nota-se que o desejo de crescer é expresso principalmente pelos sujeitos analfabetos que buscam conhecimentos para eles e para os outros.

A participação no Projeto Rondon resultou em uma experiência inesquecíveis, a atividade extensionista foi responsável por aproximar a universidade da comunidade realizando uma troca de conhecimentos científicos e saberes populares entre universitários e comunidade. Fazendo com que o conhecimento científico ultrapasse os muros das universidades chegando até aquelas pessoas que não possuem o acesso a esses espaços.

O Projeto Rondon foi uma extensão marcante na minha vida acadêmica que me ensinou a enxergar o mundo com outros olhares, viabilizando uma reflexão crítica sobre o meu papel na sociedade como futura pedagoga. Ao final da Operação Portal do Sertão foi concluído que a ação teve o índice 98,9% de aprovação, perpetuando as ações transformadoras nos municípios contemplados.

O Rondon ocasionou um diálogo onde alunos e professores aprenderam juntos com a comunidade sendo um processo mútuo acarretando em resultados positivos, como:

ampliação de habilidades e compreensão de outras culturas e religiões. À vista disso, é necessário frisar que o Projeto Rondon não tem como foco solucionar os problemas sociais das regiões contempladas, mas busca promover ações que despertem os sujeitos para formação cidadã e humana fortalecendo o sentimento de Soberania Nacional.

Frente ao exposto, é importante salientar que o envolvimento das universidades em projetos como esse é fundamental para formação docente mas humanizada propiciando uma geração de profissionais conscientes e comprometidos com a solução dos problemas sociais da sociedade. Portanto, é lastimável que a Universidade Federal de Ouro Preto com proporção tão grande e importância não tenha um núcleo específico para o desenvolvimento da extensão do Projeto Rondon, o que é muito triste, pois assim como eu outros alunos das licenciaturas teriam a mesma oportunidade que tive ao participar da ação.

De maneira análoga, é notório que ainda nos dias de hoje a educação quilombola é pouco estudada dentro da graduação de pedagogia nas universidades públicas e como futura pedagoga o Projeto Rondon foi fundamental para minha formação, pois possibilitou uma imersão cultural em uma realidade pouco explorada o que viabilizou uma reflexão sobre a minha participação como estudantes enquanto cidadã e como futura profissional comprometida com a sociedade em busca de soluções para os problemas sociais.

Infere-se, portanto, que o relato de experiência discorre sobre a relação de troca de conhecimentos entre universitários e remanescentes quilombolas através das oficinas executadas propiciando aos leitores a compreensão da importância do Projeto Rondon para formação universitária. Salientando a importância das atividades de extensão, sobretudo como a do Projeto Rondon para formação integral de universitários enquanto cidadãos e profissionais comprometidos com a sociedade e seus problemas sociais.

Referências

ARROYO, M. G. As relações sociais na escola e a formação do trabalhador. In: FERRETTI, C. J; OLIVEIRA, M. R. N. S. SILVA, J. R. JR.. **Trabalho, Formação e Currículo: Para onde vai a escola?** (Org.). São Paulo: Xamã, 1999, p.13-41.

BAIXAR Mapas: Mapa Da Bahia - Mesorregiões. **Baixar Mapas**, 2016. Disponível em: <<http://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-bahia-mesorregioes/>>. Acesso em: 14 julho. 2023.

BRANDÃO. C.R.B. **O que é educação**. Editora Brasiliense. São Paulo 1º edição 1981, 49º edição 2007.

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"**, e dá outras providências. Presidência da

República [do Brasil], Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> 05/08/2023.

CAMPOS, Janaina. Fiocruz. **Brasília estuda soluções relacionadas aos recursos hídricos no Nordeste semiárido**. Fiotec, 08 de jun de 2016. Disponível em: <<https://www.fiotec.fiocruz.br/noticias/projetos/3025-fiocruz-brasilia-estuda-solucoes-r-elacionadas-aos-recursos-hidricos-no-nordeste-semiarido>>. Acesso em: 25 jul. de 2023.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Porto Alegre: Artmed editora, 2008.

FREITAS MUSSI, Ricardo Frankllin; FLORES, Fabio Fernandes; DE ALMEIDA, Claudio Bispo. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 1-18, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação e Mudança** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FURTADO, M.B, SUCUPIRA, R.L & ALVES, C.B. **Cultura Identidade e subjetividade quilombola: Uma leitura a partir da psicologia cultural**. Universidade de Brasília DF, 2014 pg. 107.

GEO Geral: Centro-Norte Baiano. **Geo Geral**, 2007. Disponível em: <<http://geogeral.com/h/m/b/brbacn.htm>>. Acesso em: 25 jul. de 2023.

IBAIA: Caminhos da Bahia. **iBahia**, 2013. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/bahia-e-dividida-em-sete-microrregioes-cada-uma-com-seus-detalhes/>>. Acesso em: 25 jul. de 2023.

LARCHERT, J.M e OLIVEIRA, M.W. **Panorama da Educação Quilombola no Brasil**. Políticas educativas, Porto Alegre, V.6, n2, p. 44-60. 2013.

LE GOOF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LIMA, C. L. D. C. **O papel da extensão na universidade**. *Leopoldianum*, Santos, v. 28, n. 78, p. 11-38, jun. 2003.

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P.S. **Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública. Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras.** São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002.

MENEZES, Maíra. Pesquisa mapeia causas de internações por diarreia infantil. **Fiocruz**, 03 de jan. de 2023. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-mapeia-causas-de-internacoes-por-diarreia-infantil>>. Acesso em: 25 jul. de 2023.

PEDRÃO QUILOMBOS BURI E GAMELEIRA. **Ipatrimônio.** Disponível em: <<https://www.ipatrimonio.org/pedrao-quilombos-buri-e-gameleira#!/map=38329&loc=-12.138527591007119,-38.63820001520436,17>>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

SILVA, P. B. G. **Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOARES, Laura Tavares. CT&I, desenvolvimento social e demandas locais: o papel da extensão universitária. **Parcerias Estratégicas**, v. 16, n. 32, p. 556-573, 2011.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária.** 1. ed. Campinas: Ed. Alínea, 2000. 138 p.

TERRITÓRIO SISAL. **Embrapa.** 09, dez, 2021. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/territorios/territorio-sisal/caracteristicas-do-territorio/recursos-naturais/clima-e-relevo#:~:text=Segundo%20a%20classifica%C3%A7%C3%A3o%20clim%C3%A1tica%20de,ocorre%20de%20forma%20irregular%20e>>. Acesso em: 25 jul. de 2023.